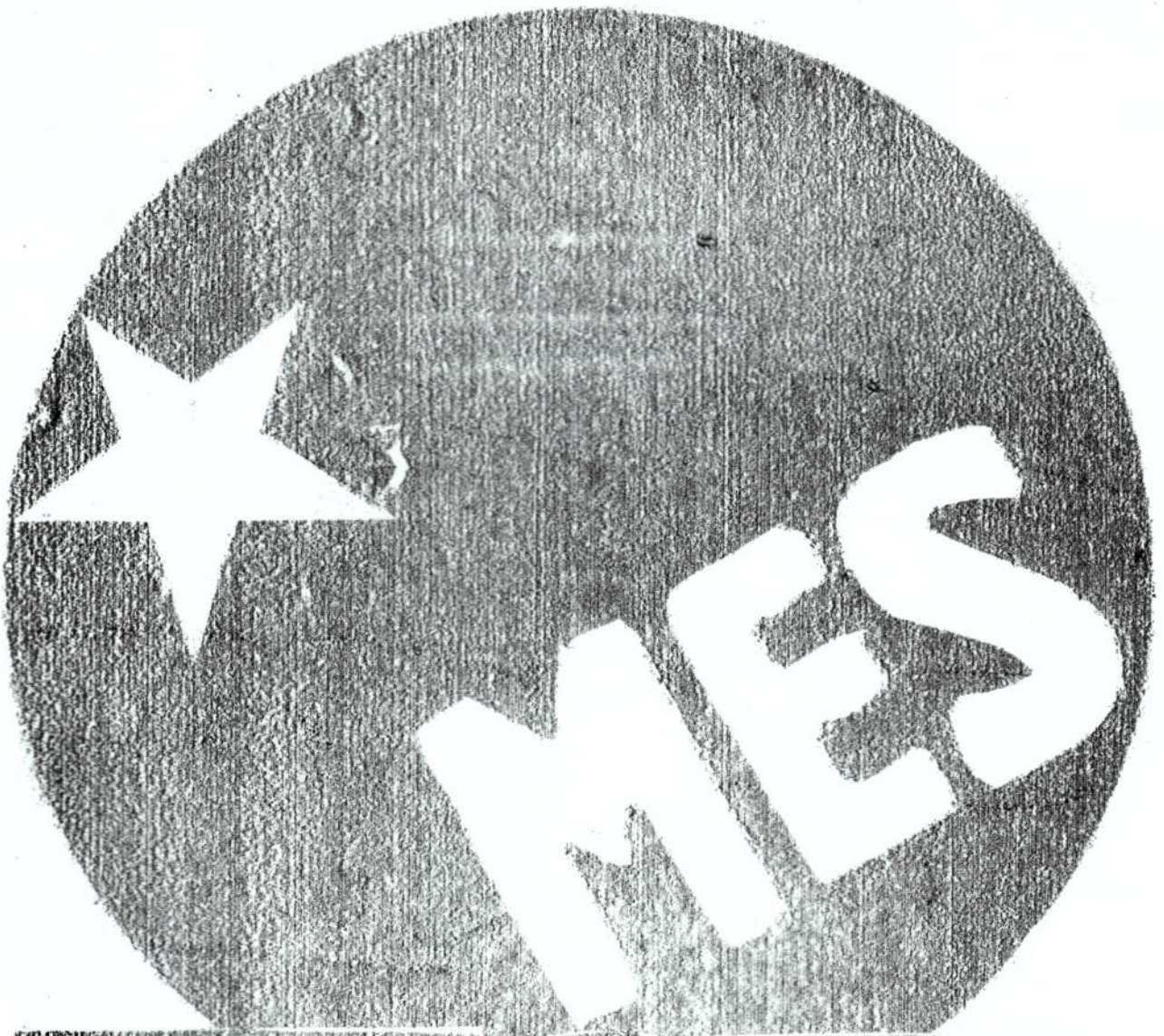


ESTUDANTES
PELO
COMUNISMO

1925

*IIª conferencia nacional
dos estudantes do m. e. s.*



MES

índice

INTRODUÇÃO: O MES - DEPOSITÁRIO DE LARGOS ANOS DE LUTAS ESTUDANTIS

1ª PARTE : A ESCOLA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

2ª PARTE : OS NOSSOS OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS:

A. A educação na sociedade coexistente

B. Os objectivos de luta para a fase de transição

3ª PARTE : OS NOSSOS OBJECTIVOS TÁCTICOS CENTRAIS

A. Caracterização social do grupo estudantil

B. O M.E. e a sociedade capitalista

C. A evolução do M.E. do 25 de Abril ao 25 de Novembro e os objectivos que apontamos para a luta estudantil na fase da Resistência Popular.

4ª PARTE : A SITUAÇÃO ACTUAL

A. A política do governo PS para as escolas - uma política de cedências à direita e ao imperialismo.

B. A resposta do M.E. e do M.A. à ofensiva da reconversão capitalista das escolas.

C. As forças políticas nas escolas e a relação de forças.

5ª PARTE : O NOSSO PROGRAMA IMEDIATO DE LUTA

A. O nosso programa ao nível da construção partidária

B. O nosso programa ao nível da nossa actividade de massas

C. A nossa política de alianças

INTRODUÇÃO

1. O Movimento Estudantil em Portugal tem uma longa e preciosa história de luta.

Aliado da classe operária, parte integrante do movimento popular, a luta estudantil desempenhou um papel de grande relevo nos combates anti-fascistas, anti-imperialistas) e anti-capitalistas do nosso povo.
(anti-colonialista)

O MES orgulha-se de ser portador da grande combatividade das jornadas de 62 e 65. *desenvolver*

O MES orgulha-se de ter visto os seus militantes à cabeça da crise estudantil de Coimbra-69 e dos anos seguintes em Lisboa; lutas de grande envergadura política, que subverteram radicalmente as escolas introduzindo nelas a luta operária e a guerra colonial; lutas que abalaram profundamente a unidade política e ideológica da burguesia, ultrapassando definitivamente a direcção revisionista e engrossando a corrente revolucionária.

O MES orgulha-se de, ao longo destes últimos quatro anos ter assumido a direcção da organização e luta dos estudantes, contra o fascismo e a guerra colonial numa fase, pelo aprofundamento das conquistas democráticas e revolucionárias pós- 25 de Abril e finalmente, na Resistência Popular à RECONVERSÃO CAPITALISTA das escolas, conduzida pelo Ministério Cardia.

2. Estes últimos 4 anos foram precisamente anos em que ^{longas} páginas da História do povo português foram passadas. Anos breves em que a estrutura política, económica e social e o papel do movimento estudantil sofreram profundas mutações. Nessas mutações bruscas da luta de classes e no rumo histórico do nosso País e na ausência de um Partido Revolucionário da Classe Operária capaz de dirigir com êxito o processo revolucionário, várias vezes as forças revolucionárias sofreram fortemente os embates da contra-revolução, soçobraram à influência do revisionismo e outras, se colocaram também destacadamente na vanguarda política. Tal aconteceu no 25 de Novembro e nas eleições das autarquias, mas sucedeu igualmente no Documento-Guia Povo/MFA, nos SUV, na FUR, no Documento COPCON, na I Assembleia Popular Local (Pontinha) e em geral, se bem que limitadamente, nas fábricas sob Controle Operário, em importantes zonas da Reforma Agrária, na luta dos Bairros Pobres e Degradados e no Movimento Estudantil aprofundando a gestão democrática.

3. A esta trajectória sucede-se outra mais dura após o golpe reaccionário de 25 de Novembro. O momento histórico que vivemos é difícil para uma alternativa revolucionária. É uma fase de grande ofensiva económica e política do grande capital e, em particular do imperialismo em que o movimento popular ensaia ainda as formas de Resistência Popular Activa.

As forças progressistas e revolucionárias, e em particular o MES, que ergueram das cinzas do fascismo uma escola nova, virada para a vida e a luta do nosso povo, ganharam uma responsabilidade que lhes impõe a definição de uma linha táctica clara para esta nova realidade, num momento em que todos os reaccionários têm os olhos postos na destruição dessas conquistas e em ganhar para si a enorme força da nossa juventude! Tal o exigem as centenas de combatentes que ergueram a gestão democrática, o saneamento dos fascistas, e os novos conteúdos e métodos de ensino; tal o exigem igualmente os milhares e milhares de estudantes que conosco lutaram, e lutam contra as medidas reaccionárias de Cardia. Disso depende a manutenção da democracia nas escolas. Disso depende, também o próprio futuro do ME e do MA como importante força do campo popular!

1ª PARTE

A ESCOLA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

A - COMO "NASCE" A ESCOLA CAPITALISTA

1. O trabalhador não emprega no acto de produção apenas a sua força física. Ele aplica conhecimentos que demoraram certo tempo a adquirir. A reprodução da força de trabalho tem, pois, de incluir a transmissão dos conhecimentos e técnicas que a qualificam. Nos períodos históricos em que o processo técnico da produção era rudimentar, essa transmissão era feita no próprio processo de produção: o artesão ensinava ao aprendiz os "segredos" do seu ofício. Mas, conforme foi crescendo a complexidade das operações produtivas, dos equipamentos empregues, etc. tornou-se impossível pela divisão do trabalho imposta, que essa transmissão do saber se fizesse no local de produção.

2. Assim nasceu a escola como ela é hoje entendida: como instituição colocada fora do processo produtivo, especializada na missão de preparar jovens para desempenharem no futuro, o lugar na produção social. Produto, pois, da sociedade burguesa, ela acompanhou sempre o seu desenvolvimento com essa função específica: assegurar a reprodução da força de trabalho tal como foi sendo exigida, em cada momento, pelo patronato, de forma a desenvolver o processo de exploração capitalista.

É esta a razão porque se vêem os aparelhos escolares separarem-se, ampliarem-se, adquirirem uma espécie de autonomia e tornarem-se uma formidável máquina à medida que o Modo de Produção Capitalista se torna dominante e que crescem as exigências do desenvolvimento das forças produtivas.

B - A "IDEIA" QUE A BURGUESIA DÁ DA ESCOLA CAPITALISTA

3. Todo este processo de crescimento dos aparelhos escolares é sistematicamente (mascarado) pela ideologia burguesa.
(exatamente)

Por um lado ele é apresentado sob um misto de humanitarismo e progressismo, sob uma espécie de "conquista popular". Ora isso é ilusório e falso. O que determina verdadeiramente essa expansão não é a boa vontade da classe dominante, mas sim as exigências intrínsecas da produção: é preciso que um certo "saber-fazer" seja difundido de um modo massivo e não seja reserva de uma pequena minoria; se o continuasse a ser, o alargamento, a base cada vez mais vasta, da reprodução alargada do capital, tornar-se-ia impossível.

Por outro, toda a ideologia da escola é tendente a apresentá-la como um longo caminho a percorrer desde a "infância" à Universidade, em que apesar da diversidade dos seus órgãos, todas as peças estariam ligadas para um único fim - a FORMATURA, O SABER, A CULTURA. Esta interpretação, é também ela, falsa e mistificadora.

C - AS VERDADEIRAS FUNÇÕES DA ESCOLA CAPITALISTA

5. Na realidade a escola é composta por vários aparelhos escolares que têm um fim próprio inseparável das necessidades do capital aos seus diversos níveis.

a) O aparelho primário (recentemente alargado ao ciclo preparatório) - destina-se a preparar a força de trabalho operária pouco ou medianamente qualificada.

incompleta
separação

b) O aparelho técnico: destina-se à formação dos operários qualificados (especializados) e de funcionários **susceptíveis** de virem a preencher certas funções de enquadramento médio;

c) O aparelho secundário: tem como função formar a pequena burguesia dos serviços assim como aqueles que irão desempenhar as funções de enquadramento médio;

d) O aparelho superior: é destinado a formar e reproduzir os quadros superiores da economia e do estado capitalista.

O próprio aparelho superior se subdivide ~~honsoante~~ o tipo de necessidades específicas da burguesia:

- no campo da tecnologia (engenheiros, químicos, físicos, matemáticos);
- no campo das relações de trabalho (serviço social, psicólogos, sociólogos);
- no campo da manutenção do ^{valor} de trabalho (médicos, farmacêuticos, biólogos);
- no campo da racionalização e gestão económica e financeira.

Esta é pois a primeira grande função da escola capitalista - **ela**: é uma "fábrica" que produz uma mercadoria de alto valor para a classe dominante: a força de trabalho diferentemente qualificada!

6. A segunda grande função, inseparável da primeira, é a sua função ideológica.

A escola pelos seus vários escalões, elabora e divulga ideias e princípios "morais", de "consciência cívica" que não passam de regras de respeito em relação à divisão social e técnica capitalista, em relação à dominação de classe dos patrões.

Assim:

a) No aparelho primário - a cabeça dos jovens é recheada (com mais autoritarismo, com mais participação) de servilismo para com o "mestre", o "superior" e obediência aos que "sabem mais", qualidades tão "úteis" para vir a ser um operário resignado a uma máquina de exploração que o consome e o faz consumir.

b) Nos aparelhos técnicos e secundários - ensina-se a acreditar na possibilidade do desenvolvimento técnico beneficiar toda a sociedade, escondendo o constante aumento dos lucros dos patrões que modernizam as suas fábricas, despedindo operários e aumentando a exploração dos que ficam a trabalhar.

c) No aparelho superior - cria-se e sepalha-se a crença de que é natural e inevitável o que serve para manter a organização capitalista da sociedade e justifique "democraticamente" o lucro.

7. Resultado destas funções a escola é não só o principal lugar onde se reproduz a divisão traba ho intelectual/trabalho manual, mas também o lugar principal aonde se reproduz as hierarquias sociais:

- os que não vão à escola
- os que floam pela primária ou o ciclo
- os que vão à escola técnica
- os que vão ao liceu
- os que vão à Universidade
- os bacharéis
- os doutores.



D - EM RESUMO: A ESCOLA É O APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO DOMINANTE

8. Por tudo isto a Escola aparece como sendo o aparelho ideológico de Estado dominante dos países capitalistas avançados. Durante varios anos - os anos de formação do jovem - seis dias por semana, muitas horas por dia, a escola domina o jovem:

- através dela se perpetua a divisão e hierarquização do trabalho capitalistas;
- por ela se difunde, na consciência do homem, as convicções da burguesia.

9. Mas são exactamente estas características da escola que a tornam vulnerável à ideologia e posições da classe operária e seus aliados. De facto a dominação de classe nos aparelhos ideológicos faz-se sentir principalmente pela ideologia e não pela força! Só que o capital e o imperialismo artavessam talvez a sua mais grave crise ideológica de sempre, o que permite o conquistar de largos espaços de intervenção progressista, no seio da própria escola, por parte das forças revolucionárias, colocando, assim, poderosos entraves às suas funções burguesas, transformando-as, mesmo, em baluartes da ideologia democrática e anti-capitalista!

A crise institucional que a escola artavessa em todo o mundo capitalista, e a força das lutas estudantis aí estão para o demonstrar!

*É necessário uma análise + objectiva da aparelho
escolas português : desenvolvimentos.*

Acrescentan no ponto 5 : o aparelho médio

2ª PARTE - OS NOSSOS OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS

a. A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE COMUNISTA

1. Em cada momento e em cada local, a luta do proletariado, para ser vitoriosa tem de se definir à luz do objectivo final - o COMUNISMO - e por ele terá de ser guiada.

Só sabendo porque se luta é possível definir como se luta.

2. A sociedade Comunista caracteriza-se pela inexistência das classes, e, conseqüentemente do Estado. Através dum longo processo de transição - a construção do socialismo - que se inicia com a tomada do poder político pelo proletariado, se vão criando as condições para, pela primeira vez na história da humanidade, o desaparecimento da opressão e da exploração.

3. PELA EXTINÇÃO DA ESCOLA

Na sociedade comunista, a Escola, como a entendemos hoje - aparelho colocado fora do processo produtivo, formador das hierarquias, dos diferentes papéis sociais e da ideologia dominante - terá desaparecido.

Durante o processo de transição, ter-se-á apagado a divisão capitalista entre trabalho intelectual e trabalho manual, a educação foi-se ligando progressivamente à prática - à fábrica, ao campo, à rua, uma profunda REVOLUÇÃO CULTURAL transformou os velhos e novos hábitos burgueses, a capacidade de criação, de imaginação e de trabalho colectivo deixou de ser ~~per~~primada para ser elevada a um estágio qualitativamente diferente, a ESCOLA DEIXOU DE FAZER SENTIDO.

4. PELA AQUISIÇÃO PERMANENTE DO SABER!

A educação, na sociedade comunista, será pois profundamente ligada à prática e à construção dum homem de tipo novo. Deixarão de existir "escolas primárias" para existirem sim, locais onde se programa colectivamente a vida da criança.

Deixarão de existir "universidades" para a aprendizagem se fazer ^{ligada} à actividade prática.

Deixará de existir, quem estuda e não trabalha e quem trabalha e não estuda para todos trabalharem e estudarem ao mesmo tempo. As técnicas e o "saber" terão, assim, deixado de ser estranhas ao trabalho.

O trabalho deixará pois, de ser uma alienação e uma escravidão, para ser o principal meio de formação e de realização do homem novo.

OS OBJECTIVOS DE LUTA PARA A BASE DE TRANSIÇÃO

5. O socialismo significa uma sociedade onde os trabalhadores, sob a direcção da classe operária, detendo o poder político, a posse dos meios de produção e o controle dos aparelhos ideológicos organizam a produção para a satisfação das necessidades e não para o lucro, pondo fim à escravatura do trabalho assalariado, e, pela extinção progressiva do Estado, se vai caminhando para uma sociedade sem classes, o COMUNISMO.

6. Da velha sociedade capitalista em decomposição é preciso fazer nascer os embriões desse novo modo de vida socialista, o que implica uma rotura completa com as velhas estruturas e concepções que se mantêm com uma intensidade e tenacidade incriveis, mesmo depois de destruidas as bases materiais do capitalismo. Com efeito, a burguesia ao dominar economicamente a sociedade capitalista, impõe ao nível da super-estrutura os mecanismos reprodutores da sua dominação. Por isso o combate pela libertação dos trabalhadores é um duplo combate que terá de se fazer simultaneamente: é preciso destruir a dominação económica exercida pelo capitalismo e também dinamitar o conteúdo e até os mecanismos que a burguesia criou para exercer a tutela ideológica sobre as massas.

7. É aqui que os revolucionários apresentam uma rotura essencial com o revisionismo. A sociedade socialista não é apenas uma sociedade de maior igualitarismo na distribuição dos bens materiais. A sociedade socialista não é apenas uma sociedade que varia quantitativamente da sociedade capitalista.

É necessário que a sociedade socialista seja uma alternativa nova a todos os níveis. O socialismo é, pois, sobretudo, um novo modelo de sociedade em que a libertação das massas está no facto de serem elas a gerirem colectivamente o seu destino e a viverem um novo modo de vida em que se vão eliminando todas as opressões.

A libertação é assim uma libertação face à dominação económica, mas também face a todas as formas de dominação ideológica.

8. A luta contra essas formas de dominação ideológica será levada a cabo através de uma profunda Revolução Cultural que ^{pela} acção crítica e criadora das massas trabalhadoras, irá destruindo todos os aparelhos ideológicos burgueses construindo, a partir dos seus resíduos, um novo aparelho ideológico, instrumento de luta contra as concepções burguesas (hierarquia, divisão técnica do trabalho...) reminiscentes das velhas classes dominantes ou reproduzidas por novas classes nascidas com o próprio processo de transição (burguesia de Estado...).

9. Não chega "abrir" a Escola às classes "mais desfavorecidas", mantendo os mesmos métodos, os mesmos conteúdos, preceptuando, no fundo, as suas funções.

Ela terá de sofrer transformações muito mais profundas em vista aos objectivos definidos atrás - a sua própria destruição. De facto, sem se ir destruindo a divisão entre trabalho manual e intelectual, entre campo e cidade, entre especialistas da produção cultural e ^{consumidores} passivos da cultura, o socialismo não passará de uma vaga afirmação de vontade.

A ruptura revolucionária com estas contradições essenciais da sociedade capitalista implica, obviamente, a ruptura com as instituições que as reproduzem, neste caso, a ESCOLA.

10. Para este objectivo final que, como vimos só será plenamente atingido na sociedade comunista, ir-se-á caminhando através de um lento e ainda contraditório processo de transformação.

Durante um longo período a utilização dos técnicos e do "saber" burguês terá de ser mantido, ainda que sob o controle dos órgãos de poder popular, do governo revolucionário e da vanguarda de classe.

O elevado grau de desenvolvimento das forças produtivas no sistema capitalista, produziu uma grande complexidade, não só no esquema de divisão entre trabalho manual e intelectual, mas também no sistema de divisão do trabalho intelectual, com uma parcelização sofisticada do saber, e com grande desenvolvimento dos graus de especialização. Ora, a Revolução Socialista é um avanço no processo histórico e não um retrocesso, portanto não pode negar estes dados, mas sim superá-los, quantitativamente e qualitativamente. E como é óbvio, essa superação é um processo longo e não um salto no vazio.

11. As formas concretas que este processo irá assumir, dependem directamente das características da formação social e do processo revolucionário em causa:

- Em primeiro lugar, da própria luta de classes no processo de transição
- Do desenvolvimento das forças produtivas
- alianças de classe subjacente ao bloco revolucionário
- Consciência de classe...

12. FIM À DIVISÃO TRABALHO MANUAL/TRABALHO INTELECTUAL

De qualquer forma há grandes pontos de luta que devem orientar a política revolucionária face aos aparelhos escolares.

Essa política passa pelo princípio essencial ^{de 1º ponto} fim à divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Esse objectivo vai sendo alcançado, nesta fase de transição, através de duas grandes palavras de ordem:

- .Controle popular sobre os aparelhos escolares!
- .Ligação do estudo à prática!

13. CONTROLE POPULAR SOBRE OS APARELHOS ESCOLARES

O grupo estudantil é o grupo secundário incapaz, por si só, de formular uma alternativa global à sociedade capitalista. Daí que não podem ser eles (e mais os professores) quem, na fase de transição, determina o processo de transformação dos aparelhos escolares. Impõem-se a necessidade imperiosa do controle popular sobre esses aparelhos, entendendo-se aquele como a forma mais vasta pela qual é exercido o domínio da classe operária sob a direcção da sua vanguarda de classe.

O controle popular sobre os aparelhos escolares, como via para a sua transformação socialista, assenta fundamentalmente na intervenção exterior das forças do PODER POPULAR e do avanço global do processo revolucionário, intervenção exterior que só fará sentido se for articulada com a hegemonia na Escola dos elementos revolucionários, enquadrados na política do Partido Revolucionário da Classe Operária

14. O controle Popular sobre o ensino é o suporte fundamental para a sua transformação. Vários níveis se podem detectar:

-Aquele que nasce da ligação aos órgãos de PODER POPULAR - CTs, CMs, C. Aldeia e Assembleias Populares- expresso entre outros, na participação desses órgãos na gestão dos aparelhos escolares.

-Definição de prioridades, de métodos de aprendizagem, de ligação ao exterior, definição das áreas geográficas de construção de novas escolas, ligadas agora às necessidades do povo trabalhador e não mais à lógica capitalista...

-aquele ^{que} nasce da ligação à PLANIFICAÇÃO CENTRAL, ao Governo Revolucionário e a vanguarda de classe.

15. Este controle popular sobre os aparelhos escolares passa também pela utilização revolucionária pelas massas dos conteúdos de saber:

"Prestação de serviços", ligando a escola à comunidade como mais uma forma de integrar os estudantes e os professores no processo de transformação social.

-Cursos para trabalhadores

-Alfabetização, animação cultural...

16. LIGAÇÃO DO ESTUDO À PRÁTICA

Se, apesar deste controle popular sobre os aparelhos, nada se introduzisse na sua dinâmica normal, eles manteriam pela certa as mesmas funções.

A ligação do estudo à prática é pois um objectivo fundamental de luta sem o qual o primeiro -CONTROLE POPULAR- perderá bastante do seu sentido.

"Se alguém aprende muito mas não vem às massas, nunca vem à prática, fica-se um compêndio morto, um gravador." (Samora Machel).

Esta ligação do estudo à prática far-se-á através de diversos mecanismos:

-do próprio controle popular sobre a escola e a presença de órgãos de Poder Popular utilizando-se dela

-da participação da juventude estudantil das tarefas de defesa da Revolução - Exército popular

-na introdução dum período obrigatório de aprendizagem no trabalho produtivo realizado no seio das condições de vida e luta das classes exploradas;

-na transformação dos conteúdos das matérias que tenderão a perder o grau de abstracção actual para se ligarem às realidades e aos problemas do nosso povo

-na transformação dos métodos de ensino -pela introdução dum método de análise/intervenção que advem da investigação concreta- utilização do "inquérito", "estudo do meio",...

17. A alteração da composição social da escola (particularmente do ensino médio e superior) pelo verdadeiro direito de todos à escolaridade, por um lado, e os períodos de aprendizagem que os trabalhadores da fábrica ou do campo farão na escola, vão-na transformando progressivamente numa escola de trabalhadores. Esse será um contributo fundamental para ligar o estudo à prática (e a prática ao estudo).

18. Por tudo isto, nesta fase de transição, a escola não será uma escola "neutra", mas estará profundamente ligada ao combate contra os resíduos do sistema capitalista, uma escola ao serviço do poder dos trabalhadores e da reprodução da ideologia proletária .

19. Mas durante a fase de transição a escola irá perder o seu carácter de aparelho ideológico de estado dominante, por um lado motivado pelas suas próprias transformações internas, por outro, pela enorme criação e crescimento da organização popular a todos os níveis, às organizações de enquadramento da juventude, ao exército popular..., que, a pouco e pouco, vão chamando a si o carácter dominante nas funções educadoras da juventude, nas funções de reprodução da ideologia proletária!

* *Questar da ideologia proletária*

3ª PARTE

OS NOSSOS OBJECTIVOS

INDICADORES CENTRAIS

A - CARACTERIZAÇÃO SOCIAL DO GRUPO ESTUDANTIL

1. Na base das divergências de concepções das diversas forças actuantes no MA está, em parte, a sua análise daquilo que é o grupo estudantil.

A concepção reformista que tradicionalmente defendia a UEC, retomada por todos os grupos "m-1" e, posteriormente pela UEDP, é uma concepção que apelidamos de "sindicalista" e que resume no seguinte: o grupo estudantil constitui um grupo social homogéneo, com interesses próprios, cabe ao MA "defender os interesses dos estudantes" através de uma prática "sindical", apolítica. "A Associação é o teu Sindicato" - foi uma palavra de ordem utilizada até aos anos 70.

A prática veio a demonstrar a completa incorrecção deste tipo de análises de tal forma que o MA veio, como um todo, a alterar correctamente um dos seus princípios - o da apoliticidade para o "apartidarismo". Interessa de qualquer forma fazer uma caracterização breve e rigorosa do grupo social estudantil e retirar desde já, algumas conclusões para a nossa prática.

2. O GRUPO SOCIAL ESTUDANTIL É UM GRUPO EXTREMAMENTE SENSÍVEL AOS CONFLITOS SOCIAIS - isto é, os estudantes por estarem inseridos num aparelho onde se disputa um permanente combate ideológico, por terem fácil acesso à informação, e a outros modelos de sociedade, e principalmente, pela sua situação de jovens - com todo um conjunto de opções de vida por fazer - é facilmente atraído e mobilizado pelas lutas sociais que o envolvem.

As rupturas revolucionárias que a Europa conheceu, a Revolução Chinesa, as lutas de libertação nacional, mostraram que largas camadas do grupo estudantil são susceptíveis de fazerem parte do BLOCO HISTÓRICO REVOLUCIONÁRIO. Particularmente a "revolta" estudantil que na última década abalou todo o mundo capitalista veio pôr à prova a sensibilidade e capacidade mobilizadora da juventude estudantil para a luta anti-fascista, anti-capitalista e anti-imperialista.

3. O GRUPO SOCIAL ESTUDANTIL É UM GRUPO SECUNDÁRIO, isto é tem um papel secundário na luta entre as classes fundamentais da sociedade capitalista; é um grupo sem autonomia histórica, desligado do processo produtivo, incapaz de construir uma alternativa global à sociedade capitalista.

Isto não implica que a luta estudantil seja encarada, como faz o PCP/UEC, como uma mera massa de "mão-de-obra" do movimento popular. Apesar da sua secundariedade, o ME e o MA têm conteúdos específicos de luta que lhe advêm de serem os principais protagonistas da luta num aparelho ideológico fundamental para o capital - a escola.

O que implica é: do ponto de vista da movimentação de massas - uma permanente ligação à luta e **objectivos** do movimento operário e popular; do ponto de vista da direcção partidária - a submissão total dos objectivos e alianças na luta estudantil aos objectivos mais gerais definidos pelo Partido para uma dada fase da luta de classes!

4. O GRUPO SOCIAL ESTUDANTIL É UM GRUPO HETEROGÊNEO, em que os seus elementos apresentam diversas origens de classe. Sendo a escola um aparelho colocado no cerne da reprodução das relações sociais capitalistas, a posição política dos estudantes acaba por ser determinada mais pelas características do aparelho que frequenta, pela luta de classes exterior e os seus reflexos na escola do que pelas características próprias do grupo social.

Como dizia Lenine - "é possível encontrar no seio do grupo estudantil os representantes das posições políticas de todas as classes e fracções de classe em luta".

Não existem assim "interesses dos estudantes" à imagem dos interesses económicos da classe operária. Existem problemas que, numa dada fase, conseguem congregiar largas camadas de estudantes mas que, no fundo são abertamente políticos enquanto luta pelo dominio ideológico dum aparelho ideológico tão importante como a escola.

Um simples olhar para a realidade torna isto evidente: enquanto, em torno de uma reivindicação económica, é possível unir todos os operários de uma dada fábrica ou sector, (influenciados pelas mais divresas correntes ideológicas) qualquer reivindicação escolar, por mais recuada, assume imediatamente um carácter conflitual internamente aos próprios estudantes, quase sempre opondo, a esquerda à direita, os revolucionários aos reformistas.

Daqui que também as AAEE não possam ser consideradas estruturas sindicais apolíticas, mas sim estruturas democráticas, portanto apartidárias, mas com funções abertamente políticas e ideológicas.

5. O GRUPO SOCIAL ESTUDANTIL É UM GRUPO EXTREMAMENTE MÓVEL E COM UMA FRACA MEMÓRIA DE LUTA! Isto é, a situação de estudante é uma situação transitória - nunca se passa mais de cinco ou seis anos no mesmo estabelecimento de ensino, todos os anos saem e entram milhares de novos e velhos alunos.

A sua relação com a escola é também muito específica - enquanto o operário actua durante anos e anos o mesmo capataz, as mesmas tarfeas, a mesma fábrica, o estudante varia todos os anos de cadeiras, de professores, de salas, de colegas e tem ainda, entre cada ano lectivo, um interregno de 3 meses.

Isto produz, do ponto de vista do ME e do MA¹ seja muito difícil manter uma continuidade do trabalho de um ano para o outro e que a memória das lutas se perca muito facilmente; sucedendo-se a um ano de larga mobilização outro de desageração do movimento. Isto exige uma constante e contínua formação de quadros jovens!

b.

O movimento estudantil e a sociedade capitalista

1. A sociedade capitalista é uma sociedade de classes. É uma sociedade em que o monopólio duma classe, a burguesia, sobre os meios de produção lhe permite explorar economicamente, dominar ideologicamente, e oprimir politicamente a classe dos produtores, o proletariado.

Para levar a cabo uma luta consequente pela destruição da exploração, dominação e opressão capitalistas, o proletariado, dirigido pela sua vanguarda, tem de desenvolver uma política de alianças que lhe permite constituir um bloco histórico (por ele dirigido) capaz de ser o actor fundamental da Revolução Socialista.

Cabe, pois, aos comunistas, ~~desenvolver uma política de alianças~~ "desenvolver uma tática para "luta estudantil, capaz de a integrar no combate (mais vasto) da classe operária e dos seus aliados pela Revolução Socialista.

2. A natureza e a origem das contradições que, particularmente nas formações sociais capitalistas avançadas, fazem mover o grupo estudantil, ligam-se estreitamente à crise estrutural e conjuntural do sistema capitalista e imperialista à escala mundial; crise que se reflecte a vários níveis - político, económico, ideológico e moral e que interfere na juventude estudantil, de uma tripla forma:

CONTRADIÇÕES INTERNAS AO PRÓPRIO APARELHO ESCOLAR

.incapacidade da burguesia levar à prática o seu próprio modelo de reconversão capitalista das escolas. O "ensino de massa" impõe um crescimento substancial das despesas de educação, uma rápida criação de infraestruturas, um aumento enorme do material humano que a suporta e todo um conjunto de ^{vários} esquemas de enquadramento ideológico, que ela não está em condições de cumprir cabalmente.

.incapacidade em manter todos os mitos da ^{imparcialidade}, objectividade e cientificidade do ensino burguês, quando este reforça quotidianamente o seu carácter de classe, numa escola cada vez mais dependente dos interesses dos grandes grupos monopolistas.

.incapacidade do sistema dar resposta à esperança de promoção pelo "canudo" que cria nos estudantes (e suas famílias).

CONTRADIÇÕES RESULTANTES DA SITUAÇÃO DO JOVEM

Desde há muito que se assiste à crise da ideologia burguesa que se reflecte na incapacidade da classe dominante captar para os seus modelos de vida a grande maioria da juventude. É uma "crise de valores" uma crise de dominação da ideologia burguesa que está instaurada e que se caracteriza, ao nível de massa, numa constante revolta (mau-estar- na sociedade) sempre crescente, face a um modelo de com o qual não mais se identificam.

CONFLITOS DE CLASSE EXTERIORES À ESCOLA

Hoje, mais do que nunca, é impossível ^{esconder} dos estudantes que há outro modelo de vida, outros modelos de sociedade, que em todo o mundo, milhares e milhares de homens estão contra um sistema de exploração, de opressão e dominação.

3. Assim é necessário abrir diferentes frentes de luta que abarquem todas estas problemáticas do combate estudantil, em sistema capitalista, como forma de encontrar em cada situação concreta (regime fascista, democracia burguesa, ruptura revolucionária, etc.) as propostas políticas organizativas capazes de conduzirem a uma efectiva ligação da luta estudantil à luta dos trabalhadores.

4. Como programa de luta que abarque essas diferentes frentes de combate, temos:

.A luta contra o autoritarismo capitalista e a crescente militarização da sociedade;

.A luta contra o isolamento dos estudantes relativamente às massas trabalhadoras e fundamentalmente em relação à classe operária;

.A luta no interior do aparelho escolar pelo controle do discurso político-ideológico das classes dominantes, reduzindo-lhes os efeitos, pela contra-posição de uma ideologia anti-capitalista.

5. Num momento em que o imperialismo e os seus representantes, para manterem a sua dominação e não se ressentirem dos abalos provocados pelas lutas de libertação Nacional (Vietnam, Cambodja, Moçambique, Angola, Guiné-bissau, etc.), reforçam as formas autoritárias de dominação através de uma crescente militarização da sociedade, abre-se um campo capaz de dar um sentido político mais avançado a todas as energias libertadas pelas movimentações estudantis:

.Contra a difusão dos valores militaristas hierarquicos;

.Contra uma informação manipulada e mistificada;

.Contra o enquadramento repressivo da juventude (desde o estilo arquitetónico das escolas até às organizações de Juventude criadas pelos Governos Capitalistas);

.Contra o fortalecimento progressivo das instituições repressivas (polícias, exército, etc.);

.Contra a repressão familiar;

.Contra a segregação / alienação sexual.

6. Uma das formas da burguesia "passificar" os estudantes e impedir o despoletar de lutas é mantê-los afastados das problemáticas exteriores à escola, nomeadamente da luta dos trabalhadores, e não permitir a introdução destas questões no interior das escolas. Contra esta situação abrem-se perspectivas à luta dos estudantes por uma ligação efectiva à luta dos trabalhadores, tal como o dar apêlo às lutas dos explorados e oprimidos:

.Através da introdução destas lutas no interior da instituição: pela informação, pela discussão nas cadeiras, pelo apêlo técnico à informação operária autónoma, pela recolha de fundos;

.Através do alargamento a outras camadas trabalhadoras da informação daquelas lutas.

7. Mas a luta estudantil tem a sua própria autonomia - no interior dos aparelhos escolares há excelentes condições para desenvolver um trabalho capaz de combater a ideologia dominante, ganhando "espaços" que sejam o resultado das vitórias da ideologia anti-capitalista:

- pela contraposição de novos conteúdos - uma análise materialista da história e da ciência - ao discurso burguês que a escola segrega.
- pela introdução permanente da realidade da luta de classes, denunciando um ensino idealista e distante da vida e das lutas sociais.
- - pela denúncia da submissão da escola ao sistema de exploração capitalista e da dominação imperialista.
- pelo mostrar que o sistema não pode responder às necessidades de promoção que ele cria e de como cada vez mais ele vai recrutar os técnicos de que necessita não pela quantidade de técnicos que absorve, mas pela submissão ao sistema.

Esta é uma luta quotidiana, feita a partir da base (das turmas e dos cursos) capaz de aí mesmo ir desenvolvendo a organização estudantil.

8. Estes campos de luta não são separados mas antes devem ser articulados para se definir uma proposta de intervenção para o grupo estudantil capaz, não só de fomentar a organização democrática dos estudantes, como se principalmente de constituir um alinhamento progressivo da luta estudantil com a luta da classe operária.

Tratamento do revisionismo.

↳ ataque da juventude

C. A EVOLUÇÃO DO M.E.

do 25 de Abril - 25 de Novembro e dos objectivos de luta na fase de Resistência Popular

A EVOLUÇÃO DO M.E.

I. NO "25 de ABRIL"

1. Nos últimos anos do fascismo (a partir dos fins da década de 60) assiste-se à tentativa de readaptar as escolas às novas necessidades de desenvolvimento capitalista, sob a batuta das grandes indústrias e dos bancos (o capital financeiro), enquadrada no plano de integração na Europa capitalista.

2. Simplesmente este processo de readaptação das escolas, pela particularidade do momento que a burguesia vivia, pelo avanço das lutas de libertação dos povos das ex-colónias, pelo ascenso do movimento reivindicativo das ~~classes~~^{massas} trabalhadoras portuguesas e pela força que o combate estudantil já impusera, levou a que a reconversão da universidade se mostrasse inseparável do processo de repressão mais aberta, que caracterizou esses últimos anos do regime fascista com um período de intensa militarização das escolas, e que levou a caracterizar o projecto Veiga Simão como a Reforma Tecnocrática e Militarizada do Ensino.

II. Do "25 de ABRIL" ao "25 de NOVEMBRO"

3. Assim, quando surge o 25 de Abril de 1974, encontravam-se as escolas numa profunda crise e um M.E., sobretudo nas universidades, que desenvolvia lutas importantes, de conteúdos avançados contra a repressão, o fascismo e a guerra colonial. No entanto, o processo iniciado com o 25 de Abril esgota rapidamente esses conteúdos.

4. O que não impede que não se desenvolvam lutas que impõem na prática conquistas importantes (saneamento, gestão democrática, trabalho em grupo, etc.) que não alterando, no fundamental, as funções da escola capitalista, (o que não teria sido possível) revolucionaram muitos dos seus mecanismos de enquadramento ideológico. Estas conquistas podem-se sintetizar em 2 grandes pontos: GESTÃO DEMOCRÁTICA e ENSINO VIRADO PARA A VIDA E LUTA DO NOSSO POVO

5. Conquistas estas que foram possíveis na medida em que o ascenso político-organizativo do movimento popular de massas aprofundou a crise de dominação da burguesia e não tanto pela força organizada do M.E. que se mostrou incapaz, durante o período de 25 de Abril a 25 de Novembro, de definir objectivos e formas de luta globais que possibilitassem a sua integração na luta da classe operária e dos seus aliados.

est
gra
e a
de

udentes como forma de, no momento decisivo do conflito, não só não encontrarem
de oposição como até encontrarem fortes defensores que possibilite o isolamento
repressão sobre as forças progressistas que serão acusadas ¹²causadoras da situação
de "esse" existente.

13. Para isso, o MEIC joga com as alterações introduzidas ao nível do es-
tad^o subjectivo dos estudantes, pelo golpe direitista do 25 de Novembro que vol-
tou a marcar a escola no centro da problemática estudantil - feitas as grandes
opcões ao nível global da sociedade, o estatuto social (presente e futuro) dos
estudentes, joga-se novamente "dentro das escolas".

14. No entanto essa situação faz renascer certos processos reivindicativos
principalmente um sentimento corporativista que se materializa na participa-
ção massiva (e ainda que muitas vezes anónima) nos processos eleitoriais numa gran-
de participação na "normalização" da vida escolar.

15. O "25 de Novembro" criou assim uma situação nas escolas e nos estudantes,
que é contraditória: ou seja, que tanto ¹³(pode) dar origem ao relançamento dum
movimento de massa de carácter essencialmente anti-fascista, ou dar origem
for ao reforço das posições de direita nas escolas, à entrada com o beneplácito de
grande número de estudantes, dos projectos de reconversão capitalista das escolas.
gra

OC

OS Nossos Objectivos Tácticos Centrais-Para a Fase da Resistência Popular

16. O "25 de Novembro" abriu uma nova página da história da luta de classes no nosso
país, caracterizada por uma grande ofensiva do capital e do imperialismo que definimos
como sendo de democracia burguesa limitada (progressivamente limitada).

Nesta fase as grandes tarefas do Movimento Popular são a construção dum
movimento de Resistência Popular Activa à reconversão capitalista e à ingerên-
cia imperialista.

17. As grandes tarefas que se colocam aos comunistas nas escolas são claras: desen-
volver uma táctica que faça o movimento de resistência popular ganhar características de
massa e força organizada, unir os revolucionários e relançar um forte movimento de massas
dos estudantes, dotando-o de estruturas organizativas.

18. Estas grandes tarefas dos revolucionários, podem-se sintetizar numa palavra-de-
ordem central - UNIDADE, ORGANIZAÇÃO E LUTA - CONTRA A RECONVERSÃO CAPITALISTA DOS APA-
RELHOS ESCOLARES é este o objectivo táctico central porque lutam e trabalham os estu-
dantes da MES.

19. Para contra a reconversão capitalista das escolas é lutar:

Lu

- pela defesa da gestão democrática;
- contra a ideologia e os métodos reaccionários e os seus agentes;
- não permitir a reintegração dos fascistas saneados;
- pela construção de um ensino crítico, profundamente ligado às aspira-
ções e sentimentos do nosso povo.

4ª PARTE

II SITUACAO ACTUAL

A - A POLITICA DO GOVERNO - PS -

1. Vivemos no nosso país uma situação de democracia burguesa progressivamente limitada. A política que o governo do Dr. Mário Soares tenta pôr em marcha, cedendo em toda a linha às exigências do capital nacional e do imperialismo, abrindo o campo à organização e conspiração dos fascistas, é uma política de recuperação capitalista que quer fazer pagar ao povo trabalhador, a crise capitalista da economia portuguesa.

Os objectivos centrais dessa política obrigam à destruição das principais conquistas alcançadas pós- 25 de Abril, garantindo em torno da crescente dependência dos marcos e dos dólares, o relançamento da acumulação capitalista, pela imposição de um "pacto social" às massas trabalhadoras. Tal será o processo de fazer aceitar ao povo trabalhador a redução drástica das suas condições de vida e de reconstruir os mecanismos da repressão, da fábrica sociedade.

2. Neste processo os aparelhos escolares revestem-se de uma enorme importância política - quem os dirigir, dirige a formação aos vários níveis, de técnicos, e mentalidades de gerações sucessivas que saem para o mercado de trabalho ou para o desemprego. É aqui que a política de cedências tem aparecido mais clara: a política educacional de Cardia está bem longe do Programa do PS, ou mesmo do seu Programa de Governo e bem perto das exigências do PPD, do CDS e do imperialismo. Essa política passa pelo ataque a tudo o que nas escolas se já estímulo a um ensino virado para a vida e a luta do povo trabalhador e a uma democracia interna assente na livre discussão dos problemas.

3. É com Cardia que, pela primeira vez, o poder se lança séria e coerentemente na RECONVERSÃO CAPITALISTA DAS ESCOLAS! Depois de "arrumadas" as coisas no terreno político-militar e desferidos os ataques principais às conquistas dos trabalhadores, a direita virou-se decididamente para as escolas.

Cardia não representa apenas esta ou aquela medida reaccionária, representa muito mais - um PLANO GLOBAL, que vai desde os Magistérios Primários às Universidades, que visa:

- criar os técnicos, aos vários níveis, capazes de suportarem o processo em marcha de reedificação do aparelho produtivo capitalista, formados já não na lógica dos agentes directos da repressão patronal, mas no espírito democrático-burguês, "europeu", tecnocrático e 'competente'.

- formar os ideólogos e as mentalidades baseadas no respeito da ordem burguesa, nos mitos do parlamentarismo e da delegação de poderes.

4. Este PLANO GLOBAL de RECONVERSÃO CAPITALISTA tem como grandes objectivos imediatos:

- restabelecimento do total controle da escola pelo aparelho de estado;
- estabelecimento de "novos" planos de estudo;
- criação dum corpo docente de "confiança";
- adequar os critérios de seleção aos seus objectivos;
- restringir fortemente o acesso aos graus superiores de ensino;
- criar escolas novas paralelas. *na passa por isto (verte)*

5. Mas este PLANO não encontra condições para se impôr pacificamente! Face às transformações progressistas operadas nas escolas pós-25 de Abril, de que os estudantes revolucionários foram os principais protagonistas, e à força que o M.A. e o M.E. ainda detêm, aquela política identifica-se, cada vez mais, com a prepotência, a intransigência e a repressão.

6. É assim que toda a política do MEIC é uma política de destruição das conquistas alcançadas:

- destruição da gestão democrática quer através de mecanismos de falsa representação

parlamentar (caso do ensino superior) quer reeditando os velhos directores, agora "gestores" (caso do médio e secundário);

- destruição da autonomia pedagógica e científica das escolas como único meio de garantir o seu total controle pelo aparelho de estado;

- destruição do espírito de trabalho colectivo, incentivando os métodos de competição individual;

- enorme esforço da racionalização/clitização - através dum conjunto de medidas (pedagógicas, exames de admissão, "numerus clausus") que exercem uma forte selectividade totalmente controlada pelo MEIC, e que responde aos imperativos da formação de técnicos "competentes". Se noutras situações e países o carácter de classe da seleção não aparece evidente, os mecanismos introduzidos por Cardia exercem uma dupla seleção burguesa - na criação da mentalidade de elite, e na redução drástica de possibilidades aos filhos dos trabalhadores que não têm condições económicas para os suportar (explicações, um ano à espera...)

- a desarticulação das estruturas de apoio- FAOJ e DGEP;

- a suspensão das principais experiências pedagógicas e a asfixia económica dos cursos que lhe saiem fora do controle político;

- a imposição dos professores fascistas saneados. Esta medida é típica daquilo que dissemos no ponto 5. Ela não corresponde, no essencial, a qualquer propósito de cumprimento rigoroso da Constituição, mas a uma incapacidade política do próprio MEIC- a de criar, a curto prazo, um corpo docente universitário que lhe seja dócil;

- um conjunto de medidas viradas especificamente para cada grau de ensino;

§ NO SECUNDÁRIO- o retorno ao sistema de faltas e o controle policial das entradas, reavivando um sistema repressivo;

- a reconversão de cadeiras como "Introdução à política" e "Ciências sociais".

§ NO MÉDIO- a destruição quase total do anterior plano de estudos dos Magistérios Primários.

§ NO SUPERIOR- para além das anteriores medidas, o MEIC ensaia outras mais repressivas, aonde as primeiras não deram suficientes resultados- não homologação dos órgãos do ISE, desintegração do ISCSP...

7. Ao mesmo tempo que põe em prática este PLANO GLOBAL DE RECONVERSÃO CAPITALISTA, o MEIC ensaia já os seus primeiros ataques à organização associativa dos estudantes. A primeira arma foi a asfixia económica das cantinas; a segunda, parece vir a ser a tentativa de controle editorial das SECCÕES DE FOLHAS e, por último, a promoção do pluralismo associativo.

Só a força combativa que o M.E. demonstrou tem obrigado o MEIC a manter, até hoje, estas medidas na "gaveta".

8. Os revolucionários e o M.A. deparam-se, assim, também nas escolas com uma poderosa ofensiva da direita aberta pelo governo social-democrata.

A situação política não é favorável a vitórias totais e estáveis sobre este PLANO DE RECONVERSÃO CAPITALISTA DAS ESCOLAS., tanto mais que, como veremos a seguir, o MEIC tem fortes aliados no seio das próprias escolas, mas é possível, e a prática da luta aí está para o provar, opôr uma forte RESISTÊNCIA POPULAR ACTIVA que, na resposta a estas medidas, vá organizando as forças para futuras ofensivas.

C-A RELAÇÃO DE FORÇAS E AS FORÇAS POLÍTICAS NAS ESCOLAS

1. No terreno estudantil é sempre difícil definir com precisão uma dada relação de forças mais ou menos estável, para um período de 1 ano como aquele em que iremos perspectivar o nosso trabalho imediato.

Como se disse atrás, o grupo estudantil é extremamente sensível aos conflitos sociais que o envolvem. Qualquer alteração - por exemplo a concretizar-se a nova composição governamental de tipo militar com reforço da posição de Eanes ou de maioria presidencial (PS+PPD+CDS) - poderá provocar imediatamente um novo xadrez na relação de forças.

É, no entanto, possível definir em termos genéricos a actual situação e a sua evolução provável.

NO ENSINO SUPERIOR

2. A situação actual é caracterizada por uma grande polarização de posições - Enquanto em fases anteriores, existiam os quadros políticos de "esquerda", os elementos fascistas pró-governo e depois as largas camadas de estudantes que conforme a correção táctica das nossas propostas e o trabalho político desenvolvido, davam à luta um carácter mais ou menos massivo. Hoje, resultado do processo político, as "camadas intermédias" tendem a reduzir-se e as posições a polarizarem-se abertamente entre "esquerda" e "direita".

Isto quer dizer que o terreno de luta "anti-MEIC" se desloca imediatamente para dentro da escola contra os seus representantes políticos e o processo transforma-se, assim, num quotidiano combate pela hegemonia ideológica dos estudantes.

Daqui se retira que, a par com as posições do MEIC, vão continuar a existir grandes dificuldades em globalizar processos de luta, ainda que a própria natureza das medidas de reconversão capitalista o permitam (gestão, Coimbra, "numerus clausus, exames nacionais, ...).

3. A maioria dos estudantes mantém posições progressistas, anti-fascistas e anti-política do MEIC, mas a base de apoio as movimentações não crescer significativamente com os processos de luta já que não se conseguiu interligá-los correctamente com um trabalho de base, assente na formação ideológica e cultural dos estudantes.

4. Os revolucionários continuam a ser a principal força no seio do M.E. progressista. Já que, nestas condições, forças "intermédias" como a UEC e a JS tendem a ser totalmente esmagadas por qualquer processo de luta.

No entanto é importante focar o seguinte:

Só conseguirão manter uma intervenção forte as organizações que souberem reconverter não só o seu discurso mas também a sua prática, no sentido dum trabalho cultural/ideológico de base e de massas. Nesta situação isto equivale a afirmar que o MES está em posição para unir à sua volta um grande leque de estudantes e quadros progressistas enquanto a UEDP, tenderá a isolar-se progressivamente com seu discurso reivindicativista e sindicalista, ou a alterar radicalmente (?) a sua linha política.

alteraçãõ do ISE
*rel. proposta do ISE
rel. trabalho mais cultural*

*ente
do ISE*

5. Os ^{re}visionistas da UEC vão recuar sucessivamente no seu discurso, aumentando o seu ultra-reformismo, mantendo a sua força e base tradicional de apoio que poderão mesmo reforçar face à atração do reformismo conciliador, à ilusão dum "pacto" mais favorável aos trabalhadores e a existência de "um único partido forte de massas" (o PCP), nos períodos de "acalmia", para logo serem ultrapassados nos processos de luta mais abertos.

6. A JS continuará, como força intermédia, a perder a sua base de apoio pelo menos enquanto se mantiver como juventude do partido do governo, e não passará duma mera (e de "má consciência") correia de transmissão do MEIC para as escolas.

*melhor caracterização da JS
reformulan a "má consciência"*

melhor caracterização da JSD como mantora da política do MEIC

7. A direita avança, organiza-se e consolida-se em torno da JSD. Se ontem actuava encostada aos grupos "fantoques" do tipo MRPP/AOC hoje aparecem abertamente, organizados, activos, "roubando" à JS grande parte da sua base de apoio. Se ontem apareciam como exteriores ao MA, hoje estão no seu seio, hoje começam já a conquistar estruturas democráticas, tendo já a sua base de apoio estável.

alternativa da JSE em rel. aos fascistas A força da direita resulta, no essencial, da própria situação política que vivemos e do facto de terem sido capazes de aparecer como os representantes da 'ordem', da 'paz' e da promoção social por um 'ensino competente', para muitos estudantes.

NO ENSINO MÉDIO

falou sobre o resto do médio e enfermagem

8. A situação é bastante diferenciada do superior - não existe uma polarização tão grande de posições com a consequente existência de largas "camadas intermédias" (geralmente passivas) possíveis de serem captadas quer para o lado da direita e do projecto do MEIC quer para as forças progressistas e revolucionárias.

9. Também no ensino médio, os revolucionários são a principal força actuante, apresentando-se no entanto, uma muito maior despartidarização do movimento, existindo um amplo trabalho de unidade com grande participação dos quadros revolucionários sem partido.

10. Esta situação foi resultado, em parte dos PLANOS DE ESTUDOS definidos pós-25 de Abril, onde os Magistérios eram radicalmente transformados. O retorno a um plano de estudos autoritário e desligado da prática e das lutas populares, poderá vir a ter uma influência grande em largas camadas de estudantes.

NO ENSINO SECUNDÁRIO

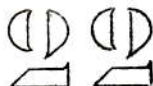
desenvolvimento → teses secundário

11. As forças de direita mantêm um peso ideológico muito grande junto da juventude dos liceus e escolas técnicas. Dispondo de poderosos instrumentos (desde a pornografia à droga), utilizando-se dos erros sucessivos de forças como a UEC, têm desenvolvido uma acção, que ainda que seja claramente superficial, tem vindo a ganhar força e organização. A sua hegemonia sobre um largo leque de AAEE do Secundário é uma realidade!

É assim que as medidas do MEIC para o secundário encontram apenas respostas muito localizadas, sem qualquer hipótese de vitória.

12. A força da direita no secundário é uma realidade! Ela não assenta apenas em questões conjunturais, mas em razões bem mais profundas. Entre elas está a incapacidade que a "esquerda" em geral tem tido na mobilização desses sectores da juventude estudantil. A prática tem mostrado que aonde o trabalho associativo se organiza, nomeadamente através dos delegados de turma, e se implanta uma intervenção cultural que ultrapassa o mero chavão político (da anterior fase de luta) e se liga estreitamente ao quotidiano do estudante, a direita sai batida! Os exemplos que nos vêm, de zonas tradicionalmente consideradas reaccionárias, como Viseu, Bragança, Vila Real e muitas outras, onde a direita tem sido derrotada, mostram-nos que há um enorme trabalho a desenvolver que pode dar os seus frutos a médio prazo.

*tratamento da "contradição" apresentada
↳ relação e a influência do reformismo sobre os pais.*



CRÍTICA ÀS CONCEPÇÕES E À PRÁTICA DA -UEC- E DA -UEDP-

NOTA:

Segue-se a crítica às concepções e prática das duas organizações que, conosco, disputam a direcção do Movimento Estudantil progressista - a UEC e a UEDP. É evidente que aquilo que qualquer organização estudantil representa aos olhos dos estudantes - a sua linha política, limites, vícios e potencialidades - não resulta apenas da sua actividade nas escolas, mas também (e essencialmente) da prática mais global do partido de que fazem parte. No entanto é fundamental uma demarcação face a estas organizações no terreno estudantil, tendo sempre presentes as críticas e a análise que o nosso partido faz, ao nível global do PCP e da UDP/PCP-r.

A -UEC-

A - AS CONCEPÇÕES ESTRATÉGICAS DA UEC

1. A UEC(PCP) tem uma análise abertamente reformista daquilo que são os aparelhos escolares e a sua transformação.

O reformismo defende que o conjunto de técnicas, competências e capacidade de trabalho que concorrem para a produção capitalista (leia-se exploração) são recuperáveis, na sua articulação e estrutura hierárquicas, pela sociedade socialista (de transição), sem necessidade de rupturas. Tudo o que é produtivo do ponto de vista do capital, seria considerado como susceptível de continuar a sê-lo (ou melhor de ser ainda mais produtivo) no período de transição, já que se teriam "democratizado" as estruturas.

É a concepção da transição pacífica e por "etapas" para o socialismo que está presente e que defende que não há que perturbar a divisão e técnicas de produção que regem a exploração capitalista mas, pelo contrário, preservá-las e orientá-las para o serviço dos fins sociais "democráticos" e "populares".

2. É assim que o reformismo entende a escola capitalista - como qualquer coisa de "bom" em si que apenas teria sido conspurcado pela falta de acesso das camadas mais desfavorecidas. Pois se o reformismo não põe em causa a divisão e hierarquização do trabalho capitalista - porque havia de pôr em causa a instituição que os reproduz - A ESCOLA?

Enquanto o MES defende uma profunda e radical transformação da Escola através da sua ligação à prática e à produção e do seu controle popular - a UEC mantém a defesa da sua oca e estafada "Reforma Geral e Democrática do Ensino" que, a concretizar-se, não alteraria nem uma das principais funções da escola capitalista.

O próprio modelo das escolas soviéticas e dos países de Leste está bem longe das concepções do primeiro período da Revolução de Outubro e bem perto de qualquer Academia de Massachussets ou de Oxford!

B - AS CONCEPÇÕES DA UEC ACERCA DO M.A.

3. O PCP concebe o movimento estudantil como apenas um reforço da "ampla corrente democrática", como massa demanobra, de pressão, para a concretização da sua política de alianças e de poder.

4. A UEC concebe assim, o movimento associativo como um estreito movimento "sindical" e "apolítico" de defesa dos "interesses dos estudantes". Isto teve como consequência, sempre que as suas concepções dominaram a luta estudantil:

- o lançamento de reivindicações quase exclusivamente corporativas com uma fraquíssima politização, um grande "fosso" entre os dirigentes e a massa de estudantes, seguidas normalmente de períodos de grande desmobilização assim que se esgotam os conteúdos de luta.

- a separação entre o movimento operário e o movimento estudantil - nunca o movimento estudantil assumiu características anti-coloniais, nem as problemáticas operárias entraram nas escolas, antes de 69/70!

O facto das perspectivas "sindicalistas" terem sido "esquecidas" e de hoje a palavra de ordem - "ESTUDANTES, TRABALHADORES - A MESMA LUTA!" ser assumida por todo o MA progressista, representa uma grande derrota política dos revisionistas e a correcção das perspectivas revolucionárias que se souberam impôr!

6 - O ACTUAL "PROJECTO DE ESQUERDA" DA UEC

4. Na sua prática a UEC apresenta-se como uma força defensiva, ^{conclamatória} ~~contraditória~~ e capitulacionista cuja linha política se tem mostrado totalmente incapaz de dirigir um unico processo de luta de envergadura.

A UEC explica hoje essa sua prática em torno da defesa da sua linha como a única alternativa real à situação vivida nas escolas - como o único "PROJECTO DE ESQUERDA" viável, capaz de manter uma escola "democrática" e "competente".

5. Este "Projecto de esquerda" da UEC é um projecto negociado com a direita e com o Governo. Não é um negócio de gabinete exclusivamente, mas uma negociação conflituosa, tendo por deve e haver a influência de massas do PCP, que pora ao dispor da social-democracia numa acalmia política (baseada em cedências) em troca de uma participação sua no Governo. Este o cerne das suas atitudes políticas.

A UEC sustenta que este projecto negociado com o MEIC, a JS e a direita é o mal menor e a única via possível. Que assim se vai conservando algumas conquistas.

O MES diz que isso é ilusório. Se cedermos pela negociação política (o que é diferente de cedermos no campo da batalha, se não tivermos força para vencer) perderemos tudo: Nacionalizações, Reforma Agrária, Gestão Democrática (veja-se o "acordo de delimitação do sector público", "segunda Reforma Agrária", etc.)

6. Paltan
7. " comunicada da célula do ISE

A UEDP

1. A UEDP nasceu a 13/14 de Março de 76 a partir dos núcleos UDP das escolas. Originária de uma série de grupos "m-1" que tradicionalmente desenvolviam uma actividade ultra-sectária de seita no meio estudantil, e que o MES, desde há muito, apelidava de grupuscúlos.



Hoje a UEDP libertou-se de alguns dos vícios contra-revolucionários desses grupos, mais pela imposição do próprio movimento estudantil do que por uma definição rigorosa da sua linha política.

As resoluções aprovadas na Conferência de fundação da UEDP são de um enorme vazio político pelo que a crítica é feita quase exclusivamente a partir da sua prática política.

↓
5 a seguir

A - AS CONCEPÇÕES ESTRATÉGICAS DA UEDP

2. As concepção estratégica da UEDP acerca dos aparelhos escolares é uma concepção essencialmente reformista! As críticas gerais que fizemos às concepções da UEC são aplicáveis às da UEDP e são o fruto de ambas as organizações terem uma concepção etapista do caminho para a construção do socialismo.

"No campo específico do ensino a Democracia Popular obterá o Ensino Popular, objetivo do movimento revolucionário dos estudantes" - é esta a única referência estratégica em todas as conclusões da sua conferência. O que é o "Ensino Popular"? - é o ensino que corresponderia à etapa da democracia popular - em que os objectivos socialistas ainda não se colocariam, ^{onde} portanto, a economia capitalista se manteria, ainda que a burguesia tenha sido parcial ou totalmente arredada do poder.

A esta fase corresponde uma escola que, ainda que introduzindo alterações na formação ideológica da juventude, manteria as mesmas funções de reprodução das relações de produção capitalistas!

Não é de facto por acaso que também da parte da UDP/PCP-r - não encontramos qualquer análise radical daquilo que é a escola capitalista!

B - AS CONCEPÇÕES DA UEDP PARA O MA

3. Resultado da própria realidade do MA e da luta política, a UEDP passou duma concepção originalmente ultra-sindicalista para uma concepção mais próxima das posições sempre defendidas pelo MES. - "A UEDP defende que o MA e as AAEE devem ter um papel muito amplo, muito mais amplo que tiveram durante o fascismo: um papel sindical, social, pedagógico, de educação cultural e política, de ligação dos estudantes às aspirações das lutas populares" (sublinhado nosso).

4. No entanto a UEDP ainda mantém alguns pontos da sua concepção, particularmente relevantes:

-na incapacidade de desenvolver um trabalho ideológico e cultural de base, sem cair no estereótipo ou no repisar de chavões. Pode-se dizer que a UEDP fora dos processos de luta concretos e imediatos, fica sem perspectivas de trabalho.

- "seguidismo" perante as "massas" que a leva muitas vezes a apoiar os impulsos da natureza reaccionária dos estudantes, só para se poder apresentar como "defensora dos seus interesses".

C - A PRÁTICA POLÍTICA DA UEDP

5. A UEDP tem tido uma prática política nas escolas que, em geral, reforça o campo da luta contra o inimigo principal: a reconversão capitalista das escolas e a direita!

6. No entanto ela oscila entre posições revolucionárias e posições objectivamente direitistas:

UDV
ED

- A UEDP define como inimigo principal a politica reaccionária do MEIC, os seus agentes nas escolas e os bandos fascistas mas, não raras vezes, confunde-o na prática com o revisionismo. A sua política de alianças em matéria associativa tem, em algumas escolas, "oferecido" abertamente a vitória ao PPD/CDS.
- A UEDP tem uma intervenção associativa reuada, defensista no seu conteúdo - resultado disto o seu trabalho cultural nas AAEE que hegemoniza é praticamente inexistente ou mal feito.
- A UEDP tem uma acção, ao mesmo tempo, radicalista nas formas de luta que propõe, perdendo de vista a relação de forças concreta que se vive.

7. A UEDP apresenta-se como uma força combativa como a qual temos selado processos de aliança conflitual:

- na definição das perspectivas para o avanço dos principais processos de luta (gestão, Comibra) esta aliança tem-se mostrado altamente positiva.
- na experiência de trabalho conjunto de unidade de base (GDUP's...) essa aliança mostra-se, quase sempre, muito difícil e em permanente ruptura.

Notas sectarismo e autoritarismo

nota: o ponto -B- desta 4ª parte, seguirá em anexo (mais tarde)

3ª PARTE

O NOSSO PROGRAMA

imediato de luta

A - AO NÍVEL PARTIDÁRIO

1. Lançar as bases para a criação da estrutura autónoma estudantil do MES - A UNIÃO DOS ESTUDANTES REVOLUCIONÁRIOS.

É este o objectivo partidário central pelo que vão trabalhar os estudantes do MES - criar uma organização filiada no MES mas com autonomia organizativa, mais ampla e aberta capaz de chamar ao trabalho político organizado um vasto leque de camaradas estudantes revolucionários que simpatizem com a linha política do MES e trabalhem debaixo das nossas perspectivas para as escolas - uma organização construída para dirigir a luta estudantil contra a reconversão capitalista das escolas.

Se ontem o simples enunciar deste objectivo era "fazer política de grande partido" hoje há que lançar um conjunto de metas parciais que, a serem cumpridas, tornam viável a construção de tão precioso instrumento de luta para a frente escolar - a UER - ^o facto de termos cumprido o objectivo principal de luta, ao nível ^{partidário}, que apontamos na I Conferência - erguer a Coordenadora Nacional - foi ^{para tal} um grande passo em frente!

No entanto não se trata, obviamente, de um objectivo de curto prazo, mas que tem de ir amadurecendo pelo nosso trabalho, dedicação e luta de tal forma, no III Congresso, a futura Direcção Nacional do Sector esteja em condições de colocar a discussão e aprovação de todo o Partido uma proposta coerente e completa nesta matéria.

Os objectivos que a seguir ^{definimos} são, no fundo, as metas sem as quais a construção da organização autónoma não poderá avançar.

2. Reforcemos a coesão das células do MES em todas as escolas. Sem cumprirmos esta tarefa, por muito funcional que seja a nova direcção nacional ela nunca dirigirá nada, já que não dispõe das estruturas, que são no fundo, o elo entre a organização comunista e as massas - as células - e que internamente são o elo fundamental de ligação entre os militantes e a direcção.

No momento que vamos atravessar o reforço da organização partidária vai ser decisivo. Já não se trata de intervir apenas nesta ou naquela escola; a intervenção assume agora um carácter global, um carácter nacional, e o MES tem de jogar aí como um bloco profundamente coeso.

3. Criar - NÚCLEOS DE SIMPATIZANTES - em torno de cada célula partidária.

Ainda que os nossos estatutos apenas prevejam os membros do Partido - militantes e aderentes -, no sector estudantil existem todas as condições para criar estruturas de camaradas revolucionários que, simpatizam com a nossa linha política ou o nosso estilo de trabalho mas que hesitam ou não oferecem condições para se filiarem no Partido. Estas estruturas que urge criar à volta de cada célula - OS NÚCLEOS DE SIMPATIZANTES - discutirão, planificarão e participarão conosco na nossa intervenção de escola, nas turmas, nas estruturas democráticas, nos processos de luta. Estas estruturas, não tendo responsabilidades estatutárias perante o partido, recebem a informação e documentos devidamente preparados para simpatizantes (o EpC por ex.) e são a base do enquadramento partidário e a base na qual assentará a criação da organização autónoma.

4. Reforçar a nossa intervenção no ensino secundário, em todas as regiões do País.

O fortalecimento do trabalho no ensino secundário é vital para a nossa intervenção. Em primeiro lugar porque ele nos garante uma continuidade de promoção de quadros jovens, em segundo lugar porque só o MES tem uma linha política capaz de lançar um forte trabalho unitário que retire a juventude dos liceus e escolas técnicas da influência ideológica da direita.

5. Caminhar para a formação de COORDENADORAS REGIONAIS (DISTRITAIS OU DE ZONA) do Sector. Durante este último ano faltou-nos estruturas de direcção e coordenação intermédia - o seu lançamento será um passo decisivo! A exemplo do que se vem fazendo nas principais regiões, sempre que no nível da nossa intervenção o permita, há que avançar imediatamente para a criação de uma COORDENADORA REGIONAL DO SECTOR ESTUDANTIL.

6. Transformar a actual Coordenadora Nacional numa DIRECÇÃO NACIONAL DO SECTOR ESTUDANTIL, directamente ligada a CP do CC, mais operacional e móvel (com camaradas). O DEJ - será transformado num Departamento de Apoio Central a esta Direcção Nacional, perdendo a sua actual autonomia organizativa.

7. Lançar uma profunda formação de quadros. Esta é uma das tarefas a que teremos de dar a máxima importância. Sem um conjunto alargado de quadros estudantis, preparados politicamente, não conseguiremos suportar as tarefas que temos em mãos.

O II Acampamento de Formação, será novamente um marco importante, mas se não encararmos a formação política dos nossos camaradas como uma tarefa quotidiana não estaremos em condições para nos impormos definitivamente como a direcção do movimento dos estudantes.

8. Reforçar a ligação do Sector ao conjunto do Partido - preparar activamente o nosso III Congresso.

O objetivo central atrás definido não implica o isolamento do sector, antes pelo contrário, há que reforçar a ligação do sector escolar ao conjunto do Partido, o que passa por:

. encontrar formas concretas de participação no trabalho político geral, e no de agitação e propaganda em particular, de outros sectores do MES, que, sem prejudicar o progresso da organização específica do sector escolar, dêem um impulso decisivo para o cumprimento dos objectivos globais do Partido acima indicados.

. Participar inteiramente nas tarefas de discussão política de todas as questões abertas no interior do Partido.

Neste campo, a curto prazo, a preparação activa do nosso III Congresso, deve colocar-se para todo o sector como a sua tarefa principal!

B - O NOSSO PROGRAMA PARA O TRABALHO DE MASSAS

REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO E LANÇAR UMA PROFUNDA INTERVENÇÃO CULTURAL - IDEOLÓGICA DE BASE E DE MASSAS

1. A partir da análise que fizemos atrás, fácil é compreender que a luta contra a reconversão capitalista vai, antes de mais, passar pelo trabalho de base em cada escola, ganhando aí a batalha principal - a batalha ideológica contra a direita social-democrata e fascista.

Sem um forte trabalho político, ideológico, cultural e organizati-
vo nas turmas e cursos; ligado ao quotidiano do estudante, todos os ^{afonamentos} movimentos
globais partirão "coxos" desde o início, porque não assentam em bases sólidas. Sem
esse trabalho nem um dos pontos centrais do PLANO GLOBAL do MEIC será posto em cau-
sa com êxito. Sem esse trabalho as vitórias parciais transformar-se-ão em derrotas
porque não teremos a capacidade de capitalizar os seus frutos políticos.

REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO E LANÇAR UMA PROFUNDA INTERVENÇÃO
CULTURAL-IDEOLÓGICA DE BASE E DE MASSAS, é pois o cerne, a palavra-de-ordem que
vai nortear o trabalho político de massas dos militantes estudantis do MES - É O
NOSSO PROGRAMA IMEDIATO!

↳ O REFORÇO DO TRABALHO ASSOCIATIVO NA OPOSIÇÃO AO PROJECTO DO MEIC. ◀

A - COMO SE FAZ?

Reforçar o MA não é só intervir nas AAEE, é muito mais do que isso:

2. REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO É LANÇAR A ORGANIZAÇÃO DE BASE EM TODA A ESCOLA:
o trabalho da escola vai sobrepôr-se às grandes lutas globais. Os revolucioná-
rios devem estar na primeira linha do seu enraizamento nos Cursos e nas turmas,
lançando Comissões de Curso e Turma, os delegados de turma (no secundário). É esta
a única forma de responder à desmobilização por um lado, e ao isolamento de cada
reivindicação concreta, por outro lado, e o que seria mais grave, ao isolamento da
luta estudantil da restante mobilização popular.

3. REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO É DEFENDER OS PRINCÍPIOS DO APARTIDARISMO E DA
DEMOCRACIA.

Os revolucionários têm de assentar o seu trabalho na base dos cursos e tur-
mas, quebrar com o ultrapartidarismo do MA que só serve a direita reaccionária. Há
que defender a democracia, assente na mais ampla discussão política. A construção
da UNEP não pode ser, quaisquer que sejam as forças, uma reedição da pró-UNEP dos
revisionistas da UEC. O MES lutou e lutará para que esta velha aspiração do Movim-
ento Estudantil português se concretize, mas tem de estar assente numa ampla dis-
cussão em todas as escolas.

4. REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO É LIGAR AS REIVINDICAÇÕES CONCRETAS AO COMBATE CULTURAL E IDEOLÓGICO.

Temos de alterar o estilo estereotipado de intervenção feita na base de palavras-de-ordem da fase anterior e ligar sim às reivindicações concretas, às situações quotidianas dos estudantes, a uma agitação cultural com características de massa. No ensino secundário, reside aqui, na capacidade que os revolucionários tiverem para arrancar com esse trabalho, a possibilidade de sobrevivência e reprodução de uma intervenção progressista!

5. REFORÇAR O TRABALHO ASSOCIATIVO É SABER UNIFICAR A LUTA DOS ESTUDANTES COM A LUTA DOS TRABALHADORES

O MES defende que lançar um trabalho de massas não é despolitizar o MA transformá-lo num aparelho corporativista sem vida nem tradições. Lançar um trabalho de massa é exactamente politizar aqueles terrenos de intervenção que mobilizam as largas camadas da juventude. A perspectiva de unificação dos combates estudantis com a luta dos trabalhadores e o movimento popular em geral mantém-se como um dos objectivos centrais do nosso trabalho.

B - A NOSSA INTERVENÇÃO NAS AAEE

Mas reforçar o trabalho associativo é também ter uma política bem definida para as AAEE:

NO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR:

6. Articular toda a nossa intervenção de base com a conquista de Associações. Concorrer sempre às DDAEE - para ganhar! Para isso é preciso:

Por um lado saber traçar um Programa e uma linha de intervenção que não traíndo os nossos objectivos se saiba adaptar às condições concretas de cada Escola; Por outro lado, saber encontrar o esquema correcto de alianças com base no princípio "nunca dar a vitória à direita pela divisão da esquerda".

7. O programa de trabalhos com que nos devemos candidatar deve-se basear nos seguintes pontos:

- A defesa das AAEE como amplas estruturas democráticas unificadoras dos estudantes em cada escola na luta contra a sua reconversão capitalista, na luta contra a repressão e o fascismo;

- A defesa das AAEE como estruturas **intervénientes** no próprio conteúdo do ensino, através de um trabalho cultural e ideológico;

- A defesa das AAEE como estruturas dinamizadoras da unidade, do convívio, do desporto, entre os estudantes, como forma de reforçar a sua solidariedade;

- A defesa das AAEE como estruturas que estabeleçam relações de cooperação militante com todas as estruturas sindicais, órgãos unitários de base, Associações Culturais, etc. que lutam por uma sociedade livre de todas as formas de exploração de forma a integrar o estudo escolar com a realidade social e a luta dos trabalhadores;

- a defesa **intransigente** dos princípios:

- . da representatividade e da unicidade - contra o "pluralismo"
- . da democracia
- . do apartidarismo e da arreligiosidade
- . do anti-fascismo e do anti-imperialismo;

- a defesa da autonomia das AAEE face ao Estado, eleitas democráticamente (com base em Programas e Estatutos) e só revogáveis pelas massas estudantis.

8. Assim, como palavras-de-ordem gerais, para os Programas associativos, o MES aponta as seguintes:

- POR UMA AE FORTE E LIGADA AOS ESTUDANTES!
- POR UMA AMPLA PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES NA VIDA ASSOCIATIVA!
- CONTRA O CONTROLE E O SECTARISMO - UNIDADE E LUTA!
- CONTRA A POLITICA DE DIREITA DO MEIC - UNIDADE E LUTA!
- ‡ POR UM ENSINO CRITICO, CIENTIFICO E LIGADO À PRÁTICA!
- UNIR OS ESTUDANTES ÀS LUTAS DOS TRABALHADORES!
- ESTUDANTES-TRABALHADORES A MESMA LUTA!
- CONSTRUIR A UNEP NA LUTA!

as quais têm que ter em atenção os problemas da escola, o estado de mobilização dos estudantes e o tipo de unidade traçada!

NO SECUNDÁRIO

(ver teses anexas)

C - A NOSSA CONCEPÇÃO PARA O TRABALHO FEDERATIVO

9. Se ^{daí} prioridade ao trabalho de base, teremos igualmente de dar o máximo de atenção ao trabalho federativo - a oposição à política do MEIC, a luta contra a reconversão capitalista se tem de assentar no trabalho de turma e curso, terá de afrontar globalmente o MEIC! Só construindo estruturas federativas fortes e funcionais o MA poderá assumir as suas responsabilidades!

10. Lutamos pela estruturação permanente das RIA's do Porto e Lisboa e pela construção de RIA's distritais aonde as condições de desenvolvimento do trabalho associativo já o permitam.

Lutemos pela defesa dos ENDA's como estrutura superior de decisão, nesta fase, do MA!

11. Lutamos pela CONSTRUÇÃO DA UNEP NA LUTA - pela construção de uma estrutura federativa, de âmbito nacional, que dirija e coordene as lutas e reivindicações dos estudantes portugueses.

A construção da UNEP continua a ser um dos objectivos fundamentais pelos quais as AAEE e todos os estudantes devem lutar.

No entanto neste sector, muitos erros se têm cometido, porque não se compreendeu que o processo de formação de uma estrutura que coordene o Movimento Estudantil a nível Nacional, deve partir da base. Isto é, as direcções envolvem-se em infrutíferas reuniões nacionais, sem que os estudantes tomassem consciência de que a UNEP só é possível de construir através da ligação activa das diversas escolas, ao longo dos importantes processos de luta que estamos a atravessar.

Assim para construirmos a UNEP é necessário:

- dinamizar a discussão na escola sobre a importância da existência de uma estrutura inter-associativa que possa unificar e globalizar processos de luta que afectem todo o movimento associativo;

- reforçar na prática a solidariedade activa entre os estudantes das diferentes escolas;

- discutir as alternativas que se põem ao MA para a construção da UNEP.

12. A relação de forças ao nível do MA não torna esta tarefa fácil. Pelo contrário, exige da parte dos revolucionários um amplo trabalho na base política atrás definida. Assim, o MES lutará para que, no próximo ano lectivo, a cumprirem-se as condições definidas, se realize o Congresso Constitutivo da UNEP, estudando-se seriamente a hipótese de formar estruturas autónomas do médio e superior por um lado, e do secundário, por outro.

nota: seguirá brevemente
um anexo, mais completo,
para a intervenção no
ensino secundário

- A NOSSA TÁCTICA PARA O TRABALHO CULTURAL

A NOSSA TÁCTICA PARA O TRABALHO CULTURAL

Como dissemos há que lançar um profundo trabalho cultural, ideológico de base com um carácter e uma linguagem de "massas". Isso é um trabalho quotidiano e não um somatório desta ou daquela realização. Daí a necessidade dum Programa completo para este tipo de intervenção.

<p>1. Denúncia de todas as manifestações do fascismo renascente quer dentro das escolas (regresso de saneados, organização dos grupos nazis, etc.) quer ao nível da sociedade (bombistas, partidos fascistas, renascimento do fascismo nas FPAA, etc.)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abaixo-assinados - Moções - Jornais Murais
<p>2. Divulgação e apoio às lutas dos trabalhadores contra a exploração capitalista, assim como contra a recuperação capitalista da economia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Divulgação da imprensa sindical nas escolas - Divulgação das negociações dos CCOCTT. - Apoio (com recolhas de fundos) a greves. - Colóquios.
<p>3. Denúncia da política agrária do Governo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jornadas de Apoio à Reforma Agrária. - Colóquios
<p>4. Denúncia da venda do nosso país ao Imperialismo e das formas de ingerência imperialista em Portugal; desmistificação da ideologia imperialista que tenta inculcar na juventude os seus valores.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Edição de textos sobre esta problemática - textos soltos ou revistas. - Colóquios. - Jornais Murais.
<p>5. Divulgação das lutas de outros povos contra o Imperialismo, com particular relevo para os povos das ex-colónias (África Austral, Palestina, América Latina)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jornadas internacionalistas e anti-imperialistas - Filmes - Colóquios - Jornais Murais

6. Luta contra o quotidiano ~~autoritário~~ ^{autoritário} que o MEIC e as forças de direita pretendem impor através da intensificação dos ritmos de estudo, através da rentabilização do "parado" (através de provas, exames, através do individualismo e da competição, através do parlamentarismo apelando, de vez em quando, aos estudantes a sua "participação" na vida da escola pela via "consoante").

- Quebrar o isolamento de cada escola face às outras através da participação progressiva de representantes do MEIC, etc.

A LUTA CONTRA A DIREITA NESTE CAMPO DESENVOLVE--
--SE DO SEGUINTE MODO:

7. Pela afirmação da participação e controle estudantil sobre o ensino e as questões pedagógicas em relação estreita com o estudo considen- te crítico e virado para a vida e luta do povo trabalhador, tendo por base a realidade con- creta da sociedade que nos rodeia, dando igual- mente desta forma, combate às posições sindi- calistas-reformistas (da URE/UEDE/UJCR) que baseiam a sua actuação no formulário reivindi-

- Colóquios ligados aos temas de estudo.
- Publicações de textos, tra- balhos, revistas.
- Filmes ligados ao estudo
- Jornais de curso
- Criticas orais à matéria
- Abordar as questões pedagó- gicas, nomeadamente a selec- ção, faltas, qualidade de ensino, etc.

8. Pelo reforço do trabalho colectivo e de iniciati- vas que contribuam para enriquecer a aprendisa- gem nos moldes definidos.

idem

9. Pela organização de base nas turmas e nos cursos unica forma de preservar uma verdadeira democra- cia, de garantir a unidade na luta contra as me- didas prepotentes e selectivas utilizadas pelos que (estudantes ou professores) apoiam a políti- ca reaccionária do MEIC e de dar um combate efi- caz (com alternativas) ao parlamentarismo agora "condensado" nas AR's.

- Articulação deste trabalho com os elementos revolu- cionários nas AR's.
- Tomadas de posição a toda a escola sobre os proble- mas que surgem em cada cur- so.
- Avançar na coordenação progressiva das estruturas de base.

10. Pelo correcto preenchimento dos tempos livres através de iniciativas que dentro ou fora da Es- cola se façam de forma sã e produtiva e debaixo de um espirito progressista e que consiga erguer uma barreira à "descompressão" canalizada para a corrupção ou burguismo pela força dos valores e instrumentos burgueses.

- Sessões culturais (dentro ou fora da escola) focando os problemas da juventude.
- dinamização de grupos cul- turais (Teatro/Música/Ci- nema)
- Deslocações colectivas à praia, cinemas, teatros, com introdução de debates específicos.
- Abertura de espaços de con- vívio.

O quotidiano ^{repressivo} ~~repressivo~~ que as forças da direita e o METO pretendem impor passa por estabelecer o declínio da escola face à realidade que nos rodeia e fundamentar este declínio na classe operária - a vanguarda na luta pela Revolução Socialista. Portanto há que derrotar a direita também neste terreno através de:

11. Aproveitamento do conteúdo do ensino que é dado em cada escola ou curso para elaboração de trabalhos, feitura de coloquios, etc, de forma a permitir introduzir temas directamente respeitantes à vida e luta dos trabalhadores na própria aprendizagem, assim como o contacto directo com as massas exploradas.

- Contactos regulares com LIRA/CEARA/AVIN
- SAAL/Inter Escolas de Lata.
- CAOB (Comissão de Apoio aos Org. Pop. Base)
- Intersindicais/Sindicatos (corrente sind. rev)
- Colectividades de bairro

12. Dentro deste mesmo processo de aprendizagem a feitura de trabalhos que postos ao serviço das organizações de trabalhadores poderiam ser algo mais que mera verborreia saída de uma boa cabeça para adjuvir determinada nota.

- Visitas de estudo orientadas a cooperativas, fabricas em auto-gestão, bairros de lata.

13. Possibilitar uma informação mais objectiva sobre os reais problemas dos trabalhadores.

14. Organização de iniciativas de trabalho cultural conjunto com as colectividades ou outras organizações afins populares como forma de, também fora da escola, os estudantes participarem no combate à ideologia dominante.

- Campanhas contra o filme burguês e reaccionário. (p. exemplo)

15. Instrumentos globais que não se circunscrevem de forma específica aos pontos da Plataforma de Intervenção:

- Dinamização para a formação de grupos de teatro.
- Financiar " " " " corais
- Lançamento de feiras do Livro ou cooperativas literárias e culturais, tendo em conta a Zona-Critica.
- Abordagem do ponto do desporto estudantil.
- Divulgação da imprensa associativa revolucionária.
- Elaboração um estudo aprofundado sobre a necessidade de aproveitamento do Cine-Clube Universitário de Lisboa.

C - OS INSTRUMENTOS POLITICO- - ORGANIZATIVOS PARA CONCRETIZAR O NOSSO PROGRAMA

1. Para levar por diante os nossos objectivos não basta definir um PROGRAMA por mais correcto e adequado à prática que ele se apresente. Sem instrumentos politico-organizativos que o materializem nem mais um único ponto seria concretizado.

Quais são estes instrumentos?

Existem quatro tipos de instrumentos, correspondentes a outros tantos tipos de trabalho:

- instrumentos partidários - que já analisámos no ponto A desta 5ª parte e que são as células e os NUCLEOS DE SIMPATIZANTES a criar.
- instrumentos democráticos - que são as comissões de turma, de curso, as AAEE para as quais também já definimos uma linha política de intervenção.
- instrumentos de frente e uma política de alianças.

São estes últimos que passaremos agora a analisar.

A - OS INSTRUMENTOS DE FRENTE

2. A experiência anterior mostra-nos, nomeadamente dos GDUP's escolares, que não existem condições nas escolas para formar estruturas políticas de frente em unidade com outras forças políticas. Existem sim excelentes condições para lançar trabalho com elementos revolucionários sem partido - uma intervenção que não é de "alianças" ou de "unidade" - já que não é feita com nenhuma organização política - mas que poderíamos caracterizar como trabalho de "orla" partidária.

Como é óbvio, o lançamento destas estruturas (MES+independentes revolucionários) far-se-à nos dois terrenos principais do nosso PROGRAMA IMEDIATO - no reforço do trabalho associativo - LANÇANDO A CORRENTE REVOLUCIONÁRIA DO MA; no trabalho de base cultural e ideológico - LANÇANDO ESTRUTURAS REVOLUCIONÁRIAS DE INTERVENÇÃO CULTURAL.

- A CORRENTE REVOLUCIONÁRIA DO MA -

3. A corrente revolucionária do MA é a organização interna das AAEE que seguem a nossa linha revolucionária "base do seguinte Programa político:

Um Programa baseado em 5 pontos:

- anti-fascismo anti-imperialismo e anti-capitalismo;
- combate à direita no terreno ideológico - por um forte trabalho cultural e ideológico que ligue as questões da escola, ao quotidiano estudantil e às questões políticas globais;

EDD

- defesa da democracia e do apartidarismo - contra o sectarismo e o controle - unidade e luta;
- pela unificação dos combates estudantis com a luta dos trabalhadores;
- contra a política direitista e anti-democrática do MEIC.

4. Qual a plataforma concreta de intervenção?

UMA PLATAFORMA DE INTERVENÇÃO BASEADA EM 10 PONTOS:

1. Intervenção conjunta nos ENDA's, RIA's, COMORG, etc e... em geral, no trabalho associativo e no processo de construção da UNEP;
2. Intervenção conjunta nos processos de luta concretos contra a política do MEIC -
3. Intercâmbio da documentação produzida pelas respectivas AAEE;
4. Serviço de bancas em cada AE onde se venderiam as revistas e jornais produzidos pelas outras AAEE, numa base financeira a estabelecer;
5. Solidariedade e apoio a todas as DDAAEE e listas concorrendo na base deste Programa;
6. Solidariedade e apoio a todas as forças progressistas intervenientes no MA, sempre que isso vise a derrota do inimigo principal - a direita agora organizada em torno da JSD.
7. Lançamento de iniciativas conjuntas nomeadamente:
 - . campanhas em torno de temas específicos
 - . comemorações de datas específicas
8. Relançamento de datas significativas da luta estudantil em Portugal - o "DIA DO ESTUDANTE" e a "TOMADA DA BASTILHA" (25 de Nov.) reeditando velhas tradições da solidariedade estudantil.
9. Feitura de um rol de instrumentos de intervenção cultural existentes - filmes, grupos de teatro, coros, cooperativas livreiras, e colocação à disposição das respectivas AE's;
10. Lançamento de um jornal quinzenal de juventude assente ideológica, técnica e materialmente nestas DDAAEE.

- AS ESTRUTURAS REVOLUCIONÁRIAS DE INTERVENÇÃO CULTURAL -

5. Os militantes do MES desenvolverão sempre um trabalho prioritário nas estruturas democráticas. É no reforço do MA que está a base séria da construção duma forte barreira à reconversão capitalista das escolas.

Mas, sempre que essas estruturas sejam hegemónicas pela direita ou pelos revisionistas, e não nos dêem condições de trabalho, devemos criar as ESTRUTURAS REVOLUCIONÁRIAS DE INTERVENÇÃO CULTURAL, que sejam o suporte do nosso trabalho.

Caso contrário a criação destas estruturas deve estar sempre virada para o reforço das próprias estruturas democráticas.

6. O seu Programa Político é o mesmo que o programa apresentado para a CORRENTE. No secundário a importância destas estruturas é obviamente muito maior e o programa político tenderá a ser mais amplo! (ver anexo)

A NOSSA POLÍTICA DE ALIANÇAS

7. Da análise que vimos fazendo retira-se o seguinte:

- o inimigo principal nas escolas - é o MEIC com a sua política de reconversão capitalista e os seus mais fiéis agentes nas escolas - o PPD/CDS por um lado, e os bandos fascistas, por outro.
- A JS apresenta-se como um inimigo secundário - que aparece como uma força "intermédia", muitas vezes como um agente "envergonhado" da política do MEIC, com o qual, em algumas situações, ainda é possível traçar alianças contra o inimigo principal.
- Os revisionistas da UEC apresentam-se alternadamente como inimigos secundários e aliados. Já que, em muitas situações (nomeadamente no secundário) a força da direita faz da UEC um aliado imprescindível, mas os processos de luta mais abertos fazem-se CONTRA a UEC e a sua linha política, de conciliação e pactuação permanentes.
- A UEDP aparece como o aliado principal na actual fase da luta, apesar das diferenças de concepções estratégicas e táticas a prática assim o tem demonstrado!

8. Assim, a nossa política de alianças é clara! É uma política de compromissos pontuais! (eleições para AE, processos de luta...) definindo em cada situação "com quem vamos", tendo no entanto, na UEDP o nosso aliado preferencial.